

## InColor: Ensaio fotográfico sobre falta de identidade racial entre pardos

Aniele de Macedo Estevo e Laís Akemi Margadona<sup>(\*)</sup>

Actas de Diseño (2026, abril),  
Vol. 53, pp. 109-111. ISSN 1850-2032.  
Fecha de recepción: julio 2022  
Fecha de aceptación: agosto 2025  
Versión final: abril 2026

**Resumo:** Uma característica da sociedade brasileira é a falta de identidade racial. Tendo em vista essa problemática, foi criado um ensaio fotográfico explicitando a falta de identidade de raça em meio aos pardos, utilizando como recursos técnicas de composição fotográfica e montagem de luz. O objetivo do ensaio, denominado “InColor” – denotando a invisibilidade da cor, incolor –, foi desenvolver um conjunto de cinco fotografias autorais, utilizando como recurso luzes coloridas de baixo custo. Pretendeu-se explicitar a problemática com o uso de modificadores de cor em frente às luzes caseiras, simulando as gelatinas coloridas usadas em *flashes* de estúdios profissionais.

**Palavras-chave:** Fotografia – Colorismo – Pardos – Raça – Fotografia de estúdio.

[Resúmenes en inglés y español en la página 111]

Uma característica da sociedade brasileira é a falta de identidade racial (Carneiro, 2011). Essa problemática é atribuída à miscigenação, uma consequência do Brasil escravagista (Cruz & Martins, 2018). O período também foi responsável por instituir a ideologia da “supremacia ocidental”, baseada num suposto evolucionismo: acreditou-se que os traços europeus, por serem superiores, predominavam sobre os traços físicos das “raças inferiores” (Almeida, 2017). O branqueamento da população praticamente tornou-se uma “ascensão étnica” e um fator de separação identitário entre grupos, num espaço em que “a discriminação racial contra os pardos é ignorada ou negada por boa parte dos brasileiros” (Daflon, Carvalhaes & Ferres Júnior, 2017).

Tomemos como exemplo as ações públicas afirmativas no Ensino Superior brasileiro, em que são instituídas as cotas raciais nas Universidades. Embora empregadas para ambos, pretos e pardos, houve uma relutância em beneficiar também os pardos (Schartzman, 2009; Daflon, Carvalhaes & Ferres Júnior, 2017). Pesquisas e entrevistas executadas por Schartzman (2009) e Almeida, Schroeder & Cheibub (2002) revelaram que os pardos muitas vezes “não são vistos como um grupo discriminado” (Daflon et al., 2017). Dessa maneira, o evolucionismo acabou legitimando ideologicamente a posição hegemônica do mundo ocidental, haja vista que a “superioridade” da civilização europeia tornava-se decorrente das leis naturais que orientariam a história dos povos. Aceitar as teorias evolucionistas implicava em reconhecer que o Brasil estaria em um estágio “inferior” quando comparado à civilização alcançada na Europa. Com isso houve uma segmentação conforme variação dos tons de pele negra a qual recebe o nome de colorismo, termo usado pela primeira vez em 1982, pela escritora Alice Walker, para diferenciar a discriminação quanto à cor da pele. (Nascimento, 2020).

Embora não se negue a distinção da discriminação vivida entre pretos e pardos (Daflon, Carvalhaes & Ferres

Júnior, 2017), esse posicionamento colorista limita a identidade negra, desconsidera sua vivência e variedade fenotípica. Como consequência, apesar do termo negro designar a união de pretos e pardos (IBGE, 2013), o pardo é muitas vezes desassociado da identidade negra, mesmo possuindo índices econômicos e sociais similares (Daflon, Carvalhaes & Ferres Júnior, 2017).

Assim, tendo em vista essa problemática, foi observada a necessidade de criação de um ensaio fotográfico explicitando a falta de identidade racial em meio aos pardos, utilizando como recursos técnicas de composição fotográfica e montagem de luz. O objetivo do ensaio, denominado “InColor” – denotando a invisibilidade da cor, incolor –, foi então desenvolver um conjunto de cinco fotografias autorais, utilizando como principais recursos plásticos luzes coloridas de baixo custo para a montagem da iluminação. Pretendeu-se explicitar a problemática abordada com o uso de modificadores de cor em frente às luzes caseiras, simulando as gelatinas coloridas usadas em *flashes* de estúdios profissionais.

O ensaio foi desenvolvido como projeto da disciplina Fotografia III, presente na grade curricular do Bacharelado em Design – Habilitação em Design Gráfico da Universidade Estadual Paulista (Unesp, Brasil). O *briefing* do projeto, que foi o trabalho final da disciplina, consistiu na criação de um ensaio temático contendo cinco retratos, utilizando uma técnica específica de iluminação: as fotografias deveriam explorar plasticamente e criativamente cores saturadas em sua montagem de luz. Foram sugeridos materiais de baixo custo para a criação dos esquemas de iluminação, como luminárias de mesa, papel celofane, lâmpadas coloridas, lanternas de celular, lâmpadas RGB, dentre outros. As luzes caseiras simulam a visualidade de equipamentos muito mais custosos e já citados: *flashes* munidos de gelatinas coloridas – do inglês, *color gel* –, utilizados em gêneros como a fotografia editorial e *fine art*.

Conta-se ainda com uma segunda importante restrição: os trabalhos foram desenvolvidos durante o isolamento imposto pela pandemia da Covid-19. Os alunos, isolados em suas cidades, não obtiveram acesso ao Laboratório de Fotografia da Faac/Unesp, o qual não somente possui câmeras DSLRs, estúdio, como também as gelatinas propriamente ditas. Tal restrição enfatizou a necessidade do uso de materiais caseiros e o uso do equipamento fotográfico que os discentes possuíam em suas casas, como *smartphones* e câmeras *superzoom* (ou *bridges*) – tipo de câmera que foi utilizada neste trabalho.

Assim, por meio da fotografia estilo *color gel*, buscou-se explicitar a problemática da cor, identidade e as manipulações históricas de sua percepção. É trazido à luz o pardo, em uma procura por visibilidade e identidade. Novamente sobre o título do ensaio, InColor designa na língua portuguesa algo que não tem cor, mas quando analisado em tradução livre da língua inglesa, refere-se a algo dentro da cor. Explicita assim, o caminho da invisibilidade à definição o qual o ensaio se propõe.

Nesse trabalho, foi utilizada uma câmera da marca Nikon, modelo P510 com objetiva com distância focal de 24–1000mm. É uma câmera *bridge*, ou seja, que não efetua a troca de objetivas e pode apresentar ruído em situações de baixa iluminação – como utilizando lâmpadas caseiras. Livros e cadeiras foram utilizados para apoiá-la, em substituição a um tripé profissional. A modelo foi a primeira autora do artigo, Aniele Estevo, universitária parda, que executou os autorretratos – mais um desafio técnico durante a execução, visto que não é possível analisar a composição enquanto se clica.

Para a manipulação de cor foram utilizadas uma lâmpada de potência 6W pintada de azul com tinta guache, uma lanterna e um copo plástico da cor verde, assim como *flash* do celular sobreposto por fita *durex* pintada com canetinha nas cores vermelhas e laranja. Por escolha narrativa, as fotografias todas apresentam na composição fundo escuro e foram enquadradas do busto para cima. As luzes foram direcionadas para iluminar somente a modelo, imersa em sombras. O ensaio perpassa por temas e problemáticas diversas, como: 1. o colorismo, em que uma fotografia tirada em longa exposição borra o rosto da modelo, descaracterizando-a; 2. dualidade, no sentido de ou se é preto ou branco, por meio de uma fotografia em *close-up* no rosto da modelo, com uma iluminação em apenas um lado do rosto e que forma sombras duras; 3. Indefinição, tema trazido por meio de uma captura de longa exposição em que a face fixada no centro da composição é a que menos se distingue, assim como os não-participantes das extremidades fenotípicas; 4. uma fotografia contra-luz marcando bem a silhueta da modelo, mas sem mostrá-la claramente, aludindo à inconclusão de ser pardo – é nítida sua participação na sociedade mas ao mesmo tempo não se tem identidade; e por fim, 5. uma fotografia com *light painting* (“pintura com a luz”, técnica de longa exposição) em que a modelo é trazida de forma clara e bem definida, rosto iluminado, atribuindo-lhe identidade.

Como resultado, foram obtidas 5 fotografias digitais, que consistem no corpo do ensaio fotográfico. Por meio de uma narrativa visual abordou o apagamento da iden-

tidade de pessoas pardas e posicionou o grupo como existente e perceptível.

#### Referências

- Almeida, R. (2017). “Raça” e “miscigenação” no Brasil: os desafios e os dilemas de nossas relações raciais. *Praça – Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*, Recife, 1(1), 4-25. Recuperado de <https://periodicos.ufpe.br/revistas/praca/article/viewFile/25198/25434>.
- Almeida, A. C., Schroeder, A. & Cheibub, Z. (Orgs.). (2002). *PESB: Pesquisa Social Brasileira*. São Paulo: Consórcio de Informações Sociais.
- Carneiro, S. (2011). *Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições.
- Cruz, J.T., & Martins, P. (2018). Colorismo e embranquecimento na rede: o racismo e a tentativa histórica de apagar a ancestralidade africana. *Anais da Reunião Brasileira de Antropologia*, Brasília, DF, Brasil, 31. Recuperado de [http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539565197\\_ARQUIVO\\_ARTIGOCOLORISMO.pdf](http://www.evento.abant.org.br/rba/31RBA/files/1539565197_ARQUIVO_ARTIGOCOLORISMO.pdf).
- Dalton, V. T., Carvalhaes, F., & Ferres Júnior, J. (2017). Sentindo na Pele: Percepções de Discriminação Cotidiana de Pretos e Pardos no Brasil. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, 60(2), Rio de Janeiro. Recuperado de <https://www.scielo.br/dados/a/6WwjhscKxDSFk8mH6mLBhKw/?lang=pt>.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2013). Características Étnico-raciais da População: Classificações e identidades. Recuperado de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>
- Nascimento, C. A. (2020). *A permissão de ser preta: Uma análise do colorismo na mídia brasileira*. Trabalho de conclusão de curso, Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, Centro Universitário UNIESP, União Nacional das Instituições de Ensino Superior, Cabedelo, Brasil. Recuperado de [www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/a-permissao-de-ser-preta-uma-analise-do-colorismo-na-midia-brasileira-autor-a-nascimento-camila-de-albuquerque-.pdf](http://www.iesp.edu.br/sistema/uploads/arquivos/publicacoes/a-permissao-de-ser-preta-uma-analise-do-colorismo-na-midia-brasileira-autor-a-nascimento-camila-de-albuquerque-.pdf).
- Schwartzman, L. F. (2009). Seeing Like Citizens: Unofficial Understandings of Official Racial Categories in a Brazilian University. *Journal of Latin American Studies*, 41(2), 221-250. Recuperado de <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-latin-american-studies/article/abs/seeing-like-citizens-unofficial-understandings-of-official-racial-categories-in-a-brazilian-university/3C8528EAE021B014E1D40A29E478491A>.

**Resumen:** Una característica de la sociedad brasileña es la falta de identidad racial. Teniendo en cuenta esta problemática, se creó un ensayo fotográfico que pone de manifiesto la falta de identidad racial entre las personas de raza mixta, utilizando como recursos técnicas de composición fotográfica y de iluminación. El objetivo del ensayo, denominado «InColor» —en alusión a la invisibilidad del color, incoloro—, fue desarrollar un conjunto de cinco fotografías de autor, utilizando como recurso luces de colores de bajo costo. Se pretendió poner de manifiesto la problemática mediante el uso de modificadores de color frente a luces caseras, simulando las gelatinas de colores utilizadas en los flashes de los estudios profesionales.

**Palabras clave:** Fotografía – Colorismo – Pardos – Raza – Fotografía de estudio.

**Abstract:** A defining characteristic of Brazilian society is the lack of racial identity. In light of this issue, a photo essay was created to illustrate the lack of racial identity among people of mixed race, utilizing techniques of photographic composition and lighting design. The objective of the series, titled “InColor”—denoting the invisibility of color, colorless—was to develop a set of five original photographs using low-cost colored lights. The aim was to highlight the issue by using color modifiers in front of household lights, simulating the colored gels used in professional studio flashes.

**Keywords:** Photography – Colorism – People of Mixed Race – Race – Studio Photography.

**(\*) Aniele de Macedo Estevo.** é bióloga, pesquisadora e estudante em Design. Bacharela em Biologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP, Brasil). Graduanda em Design – Habilitação em Design de Produto pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq. Membro do MATAV – Mídia Acessível e Tradução Audiovisual (CNPq). E-mail: aniele.m.estevo@unesp.br

• **Lais Akemi Margadona** é designer, pesquisadora e professora de fotografia. Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP, Brasil), Mestra em Mídia e Tecnologia (UNESP) e Bacharela em Design – Habilitação em Design Gráfico (UNESP). Professora de Fotografia no Departamento de Design da FAAC/UNESP. Membro do GENEM – Grupo de Estudos em Nova Ecologia dos Meios (CNPq). E-mail: lais.akemi@unesp.br